

PMS	FMF	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	Correio da Bahia	
Data	27/07/03	
Seção	Reportagem 9	
Assunto	História / Forte (São Marcelo)	

Malfadada restauração

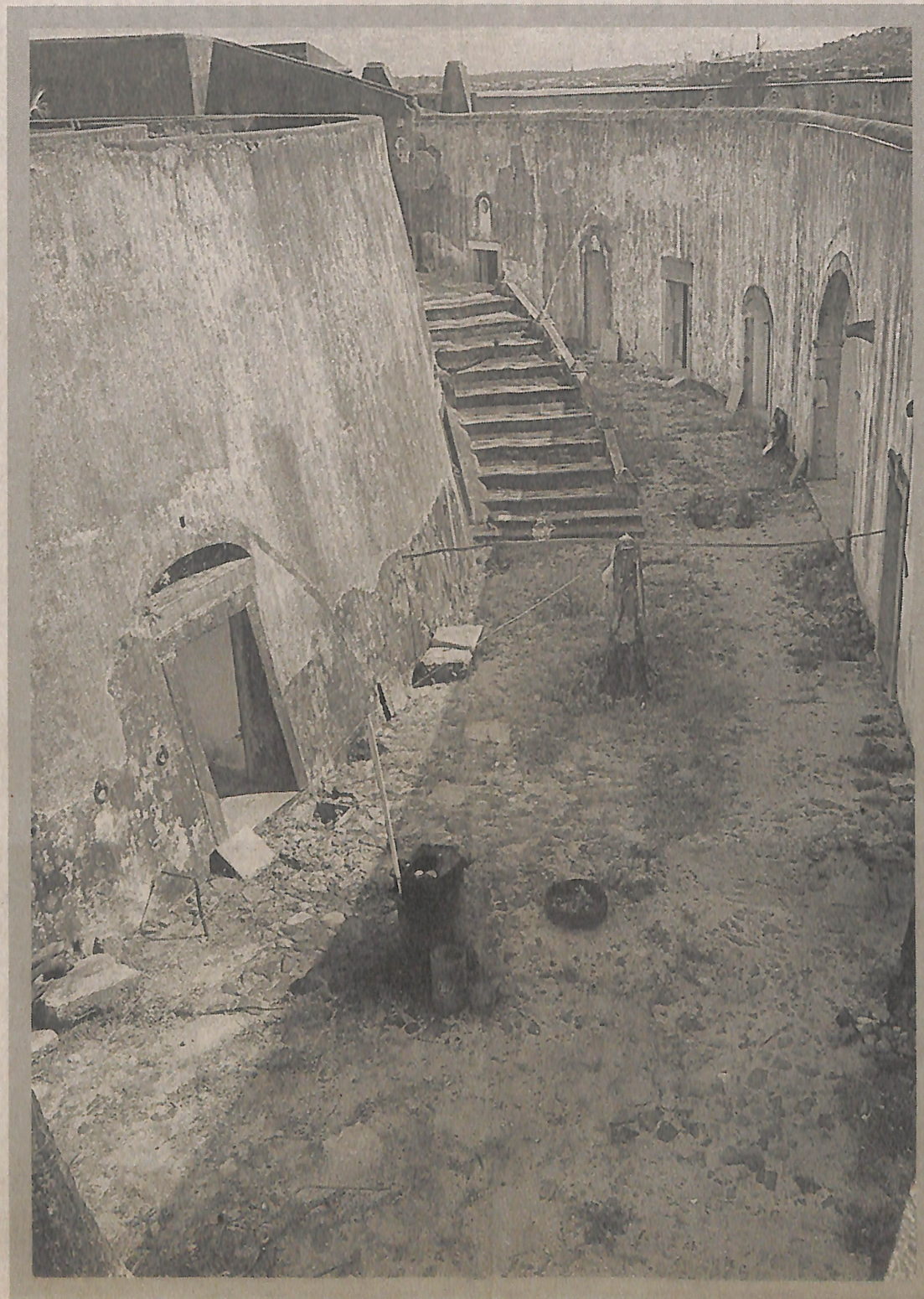
Custo da reforma deixa fortificação à mercê da ação do tempo e da erosão causada pelo mar

Fotos de Haroldo Abrantes

“S”erá aberto ao público o Forte de São Marcelo”. A manchete, que parece ser bem recente, data do ano de 1959. Como esta, muitas iguais passaram pelas páginas de todos os jornais da cidade – alguns de fora do estado – desde a primeira metade do século passado, revezando-se entre as denúncias do abandono da fortaleza histórica, a intenção dos governos em restaurá-la e a constatação de que ainda não era a hora da população ter acesso livre ao monumento e poder contemplar a beleza de Salvador e do entorno da Baía de Todos os Santos a que hoje poucos privilegiados têm acesso. Dele podemos ver toda a encosta, a baía, a ilha, o horizonte, o céu. Mas também rachaduras, abandono, utilização indevida e intervenções arquitetônicas desastrosas, como restos dos suportes de portas de blindex ali instaladas na década de 80, sanitários sem as peças, passagens fechadas com alvenaria recente.

“Diretoria de Turismo pretende recuperar o Forte de S. Marcelo”, indicava a intenção da prefeitura em 1º de fevereiro de 1959, anunciada pelo *Jornal da Bahia*. “Iniciada hoje operação São Marcelo”, informava em 25 de fevereiro do mesmo ano o jornal *Estado da Bahia*. No dia 24 de fevereiro, *A Tarde* alardeava a reabertura e, na edição de 11 de março, divulgava o ajardinamento da área, conserto da ponte e a construção de escada de acesso, além de informar o prazo de um mês dado pelas autoridades para a tão propalada reabertura. A Diretoria de Turismo contava até com o apoio do reitor da universidade federal, o professor Edgar Santos.

A reabertura não houve mas a fortaleza volta às manchetes em 1960 de uma forma inusitada: em troca de melhorias, as instalações seriam cedidas para implantação de um frigorífico. O jornal *Estado da Bahia* protestou em editoriais e notas. A idéia que partiu de um dos membros do Conselho de Estadual de Turismo em troca da reforma foi de pronto abortada pelo então diretor do Sphan, Godofredo Filho. O frigorífico funcionaria nas colas, mas a empresa instalaria



Abandonado, o São Marcelo depende de restauração para não desaparecer

Costa Lima, não se opôs à proposta, mas a decisão final caberia, segundo ele, ao conselho administrativo da instituição. A proposta do Museu do Atlântico Sul ainda estava em baila e em mãos do Almirante Carneiro Ribeiro. O projeto tinha como base as utilizações de dois outros monumentos tombados pela construtora com o mesmo fim: as pousadas de Ouro Preto, em Minas Gerais, e do Convento do Carmo, no Santo Antônio, bairro de Salvador.

Pedindo socorro

Mas é a notícia veiculada, em março de 1975, no *Diário de Notícias*, que revela a grave situação: “São Marcelo. Um velho forte pedindo socorro”. Durante todo o ano de 1979 a fortaleza do mar ocupa as páginas com nova investida de restauração e utilização de suas dependências. Foi restaurado durante os anos de 1980/81 para instalação do museu. As obras previstas foram executadas e a maioria dos cômodos foi restaurada para abrigar as peças da coleção de miniaturas de embarcações do recôncavo do Almirante Alves Câmara, peças militares e artísticas resgatadas de navios naufragados na costa da Bahia. Nada é instalado. Até os dias de hoje, as manchetes relacionadas à revitalização do forte continuam se repetindo, sem soluções práticas para reabertura da fortaleza, instalação do museu ou destinação que valha a sua importância histórica.

Em 1956, um grupo de estudantes de História da Universidade Federal da Bahia enviou memorial ao Ministério da Educação indicando a vocação natural do forte para a instalação de um museu. Entre os anos de 1985 e 1986, Pedro Agostinho volta a ter contato com a idéia concebida por seu pai. Sob a inspiração do professor Olimpio Serra é criado o Archenave – Centro de Estudos de Arqueologia, História e Etnografia Navais, instituída uma comissão da qual faziam parte o Almirante Max Justo Guedes, diretor do serviço de documento da Marinha, o professor Cid Teixeira, técnicos do

naria nas celas, mas a empresa instalaria um restaurante dando acesso ao público. No *Diário Oficial*, chegou a ser publicado o pedido de autorização com o "compromisso de introduzir alguns melhoramentos e abrir à visitação". A polêmica durou quase todo o mês de setembro do ano de 1960 mas a caneta de Godofredo Filho decepcionou a intenção alegando a "destinação inadequada que se pretende do imóvel de tão sabido valor histórico e arquitetônico". A obra, justificou, desfiguraria o patrimônio. O despacho de 19 de setembro de 1960 foi comemorado em editorial do *Estado da Bahia*: morte justa em que prevaleceu o bom senso.

Em 1965, com a intenção não concretizada do professor Agostinho da Silva em instalar ali o Museu do Atlântico Sul, o São Marcelo volta às manchetes. O *Jornal da Bahia* anuncia, no mês de maio, que a Sutursa dar-lhe-á "uma utilidade moderna para ressaltar e valorizar a tradição e a beleza estética do velho bastião, revela em um texto poético assinado pelo jornalista Florisvaldo Mattos. E mais adiante, já no final de julho, vaticina: "Forte criado para repelir estrangeiros ontem será museu para atraí-los hoje: São Marcelo". E conta que o museu que se pretende montar na Bahia é semelhante ao de Mônaco, instalado em 1910 pelo príncipe Alberto, às margens do Mediterrâneo, dotado dos principais espécimes marítimos colhidos mar afora. Dessa proposta ficou apenas uma placa indicativa das obras que foram iniciadas mas não concluídas e que até hoje está na entrada principal da fortaleza.

Visitação

Em 1969, o São Marcelo volta a ser manchete: "Forte do abandono conta história de guerras, das prisões e da cidade". Segundo a matéria do *Jornal da Bahia*, o forte é aberto a visitação pública com grande afluência aos domingos, e ocupado também pelos escoteiros e bandeirantes que fizeram dali seu ponto preferido para excursões. Em 1970, se anuncia que o "São Marcelo será em breve um Museu". O vice-diretor de Documentação Geral da Marinha, capitão Max Justo Guedes, esteve em Salvador especialmente para avaliar a viabilidade do projeto do Museu do Atlântico Sul. Governo do estado, prefeitura e universidade uniam-se à Marinha com este objetivo, anunciava a matéria. Em janeiro de 1971, nada tinha sido feito ainda. Foram dez anos sem recuperação. O objetivo era a realização, ali, do Baile de Iemanjá dentro de um evento chamado Festival do Mar, que aconteceria no dia 30 de janeiro daquele ano, com a presença até de uma escola de samba. No final de 1971, a fortaleza estava com rachaduras e as pedras de seus alicerces sofriam



De vez em quando, as portas ainda se abrem para algum visitante obstinado

com os danos causados pelas ondas. Em maio de 1972, a Sutursa sinalizava que tiraria da gaveta o projeto do Museu Oceanográfico elaborado pelo professor e antropólogo português Agostinho da Silva. Em maio de 1974, o *Diário de Notícias* anunciava: "O Forte de São Marcelo vai ser restaurado". Quem estava à frente era a Bahiatur-sa: a idéia inicial de instalar apenas um museu foi abandonada. Agora a proposta previa um museu aliado a lojas e restaurantes como atrativos ao turismo. O contra-almi-

rante Fernando Ernesto Carneiro Ribeiro, comandante do II Distrito Naval, visita as instalações da fortaleza sob o seu domínio. A limpeza geral, com corte do capim que tomava conta das áreas externas entre as celas e o torreão central davam início às atividades e ao convênio celebrado com a prefeitura para a restauração. Chegou, mais tarde, a cogitar a possibilidade de se instalar ali uma pousada. Mas nada aconteceu. Na época, o diretor-executivo da Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural, Vivaldo

na. O professor Cid Teixeira, técnicos do Iphan Pró-Memória e o próprio Pedro Agostinho, além do atual assessor do ministro da Cultura, Roberto Costa Pinho.

A idéia agora era a preservação do patrimônio naval brasileiro, tanto das embarcações populares em que se mantêm vivas as técnicas de construções navais de caráter arcaizante, como os restos de naufrágios históricos. Como não foi para a frente mais este projeto, Agostinho, para não perdê-lo de vista, publicou toda a sua concepção na coleção *O Arqueólogo português*, em Lisboa. No ano de 2001, alunos do curso de administração hoteleira e comércio exterior da Unifacs visitaram a fortaleza a iniciaram a elaboração de um projeto de restauração e utilização do espaço.

As idéias vão surgindo, circulam um tempo na imprensa e na intenção e depois caem no esquecimento, parece que cumprindo a sina determinada após o fatídico bombardeio de relegar o monumento ao esquecimento. Mas por que ninguém faz nada pelo Forte de São Marcelo? Historiadores e pessoas envolvidas na questão apontam apenas um caminho: o monumento é tombado, é de responsabilidade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e apenas este órgão do Ministério da Cultura pode tomar qualquer iniciativa. São obras caras que demandam recursos de montantes altos.

A luta pela recuperação do São Marcelo foi abraçada pela Associação Brasileira dos Amigos das Fortificações Militares e Sítios Históricos (Abraf) na figura de seu presidente, o coronel da reserva do Exército, Anézio Leite. A Abraf obteve, através de convênio com o Iphan, a "guarda" da fortaleza. Realizou alguns melhoramentos como a instalação do píer de atracação. Surpreendendo a instituição, o Iphan pediu a fortaleza de volta. "Restaurar por restaurar é melhor não gastar dinheiro", ensina o coronel, que defende uma utilização prática para o monumento. Outros apaixonados da fortaleza entram na disputa mas fazem coro com a Abraf. É o caso do mergulhador profissional César Freitas. Ele prevê para o forte a instalação do Museu Arqueológico do Mar, que define como um megaprojeto temático, de extensão educativa e turística voltado para o resgate, recuperação, demarcação, recomposição e divulgação de informação privilegiada sobre os sítios de naufrágios submersos na Baía de Todos os Santos e na costa brasileira. Mas o certo é que até agora nada foi feito. E mais uma vez o São Marcelo permanece silencioso em seu repouso de tartaruga ciente no meio do mar, como o descreveu Jorge Amado. Para desgosto de quem, como César, Anézio, Gerônimo, Cid Teixeira e José de Patu, ainda sonha em ver o São Marcelo vivo outra vez.